

PSICANÁLISE: SEU FUTURO UMA ILUSÃO?*

Nara Amália Caron** ; Porto Alegre

De fato esta é uma questão impactante que, inicialmente, me deixou perplexa, sem resposta. Mobiliza tantas e tão complexas questões inter relacionadas Teoria/ Técnica; inovações constantes; expectativas/decepções diante dos resultados da Psicanálise e vinculadas quer a um longo e caro investimento afetivo e econômico na formação e qualificação profissional, quer às marcantes e velozes transformações culturais que atingem analistas e analisandos.

Respondi sim e não.

A primeira resposta Sim. O futuro da Psicanálise é uma ilusão, se os analistas não se dispuserem a criar, inovar, pesquisar, não se tomarem mais flexíveis no intercâmbio com outras disciplinas que possibilitem o aprofundamento dos conhecimentos psicanalíticos.

A segunda resposta Não. O futuro da Psicanálise não é uma ilusão, porque os analistas são capazes de romper, quando necessário, com estruturas superadas e buscar, assim, novos conhecimentos como Freud sempre fez ao longo de sua vida , procurando aplicá los na melhoria da condição humana. É básico aceitarmos que o mundo freudiano, com o homem histórico, sofrendo culpa pela problemática edípica apresenta se muito diferente do homem atual, torturado pelo sofrimento narcisista e a tragédia da quebra de inúmeros paradigmas.

Esta nova postura exige tempo, abnegação, rompimento da onipotência, da autoridade e do poder, por parte do analista. Tais procedimentos vêm acontecendo aos poucos e de forma lenta neste primeiro século de existência da Psicanálise, mas, certamente, constituem um dos eixos a serem desenvolvidos no futuro, para quem sabe! que a ciência psicanalítica continue presente no século XXI.

Em "O futuro de uma ilusão" (1927), Freud fez previsões, que não se confirmaram, a respeito da Psicanálise e da Religião. Esta, semelhante à neurose obsessiva infantil, seria superada espontaneamente durante o crescimento e/ou restando algum sintoma, seria ele eliminado pela Psicanálise. Portanto, a religião neurose tenderia a se esvaír, fato que não se confirmou. Segundo ele, a Psicanálise substituiria eficazmente a religião porque, além de não ser uma ilusão, é a voz do intelecto, encarregada de substituir a repressão pelo funcionamento racional. Freud contrapõe Religião a Psicanálise cumprindo, mais ou menos, uma espécie de promessa que era destruir a religião com armas psicanalíticas. Destaca que as idéias religiosas estão ligadas ao desamparo humano, ao anseio pelo pai protetor onipotente deus, que protege a criança contra as conseqüências de sua debilidade frente às forças da natureza. As idéias religiosas são ilusões, realizações dos mais antigos e prementes desejos da humanidade, enquanto as idéias psicanalíticas são precipitados de experiências ou resultados finais de pensamentos. Com um otimismo exagerado descreve uma luta entre religião ilusão e psicanálise realidade contando com a vitória da operação racional sobre a repressão instintiva. Como a Religião tinha fracassado em tornar a humanidade mais feliz, mais confortada com a vida, a Psicanálise o conseguiria. Sem religião, diz Freud (p. 63) "o homem tem que enfrentar a posição da criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a `vida hostil'." Freud desejava, ardentemente, que este passo fosse dado sem dificuldade, naturalmente, e assim também fosse abandonada esta posição infantil religiosa. Termina o capítulo IX da referida obra, com a citação do poeta Heine: "Deixemos o céu aos anjos e aos pardais". Apesar de destacar o aspecto subjetivo da ilusão, ou seja, o desejo que leva a erros e enganos, e o fato de que ele mesmo poderia estar perseguindo uma ilusão contribuíram para que Freud desatendesse a presença forte e constante do drama da própria natureza humana capitalizado em suas descobertas teóricas e criações técnicas.

Peter Gay (p. 494) comenta que Romain Roland, tendo recebido do próprio Freud um exemplar de "O futuro de uma ilusão", escreveu ao Mestre concordando com algumas idéias. Indagava, entretanto, se ele de fato tinha descoberto "a verdadeira fonte do sentimento religioso", caracterizado por Roland como um "sentimento particular", difuso e persistente. Outras pessoas haviam lhe confirmado a existência de tal sentimento, e ele supunha que devia ser partilhado por milhões de indivíduos. Era uma sensação de "eternidade", uma impressão de algo ilimitado, como se fosse "oceânico". Puramente subjetivo e de forma alguma garantia de imortalidade pessoal, ele devia ser "a fonte da energia religiosa" captada e canalizada pelas igrejas.

Fica ressaltada, em 1927, a razão freudiana, o sonho do homem de livrar se facilmente de sua dependência, fragilidade e sentimento de religiosidade: o coração cede lugar à razão, sendo escutado só racionalmente. A Psicanálise, apenas, elaborava os sofrimentos, estabelecendo a articulação que os ordenava e regulava. O psicanalista sabia, perfeitamente, como destacava Freud, que manipulava materiais explosivos e que deveria funcionar com as mesmas precauções, e com a mesma consciência do químico. As precauções eram técnicas, para que a Psicanálise pudesse explorar, de forma mais pura, sem nenhum comprometimento afetivo por parte do analista, a transferência do paciente. Portanto, o analista detinha a sabedoria, o poder, a determinação, qualidades que não deveriam ser atingidas pela situação analítica; o paciente, por sua vez, era colocado numa posição inferior, dependente, inconsciente de seus desejos e necessidades, incapaz. Este esquema vigorou também dentro do movimento psicanalítico, que, desde sua origem, se viu atingido por acontecimentos significativos, fruto de rivalidades entre pares e conflitos com Freud, que levaram a enfrentamentos, separações e problemas de lealdade. Freud fez um esforço gigantesco para levar adiante a tarefa da busca da verdade e também para evitar alterações nos seus descobrimentos básicos. Precisava, então, de colegas que aceitassem plenamente suas idéias, sem modificações. Com um otimismo contagiante, inicialmente sem regras e regulamentações explicitadas, via o grupo à sua volta, praticando e estendendo a Psicanálise como desejava, já que tudo podia ser estudado e trabalhado com as suas descobertas. O contato com Freud, nesse período, foi fundamental, acreditando, ele, que a transmissão da Psicanálise era, sobretudo, uma questão de reconhecimento de uma verdade e da transmissão desse conhecimento. Esta verdade ocorre, mas Freud não reconheceu o vínculo essencial e cuja intensidade, em parte, é determinada pelo próprio Freud, que reativava as ligações e conflitos anteriores com seus discípulos. Surpreendeu se muito com as reações de Adler e Jung, quando das suas discordâncias, já que os considerava homens racionais e inteligentes.

Penso que continua sendo muito difícil aceitar e compreender, mais profundamente, tudo o que ocorre e transita através do vínculo, da interação entre as pessoas. Apesar do enorme esforço de Freud em manter a unidade de sua teoria, foi modificando

se a maneira de pensar essa teoria e trabalhá-la na técnica. Inovações e desenvolvimentos foram acontecendo e, hoje, temos uma multiplicidade teórica com inúmeras alterações em conceitos básicos. Contrariando a previsão de Freud em "O futuro de uma ilusão", a presença do sentimento de religiosidade exterioriza-se no ser humano, e a religião proporciona um lidar melhor com o desamparo e vazio humano, do que a Psicanálise. A luta da Psicanálise é manter um espaço e não sucumbir à falência do seu modelo clássico, contestado em várias premissas básicas, numa época muito complexa dominada pela fragmentação cultural, que remete o homem a essa situação de abandono, vazio, desamparo, de ausência de valores e presença de falsidades.

A decepção, devido aos poucos resultados da terapia analítica que alcança um pequeno número de pessoas; a vida difícil, decepcionante, de muitos psicanalistas conhecidos relatada recentemente em biografias; as complicadas relações institucionais; dificuldades econômicas somadas às exigências na formação profissional tiveram uma influência decisiva na desidealização do analista e da Psicanálise.

A velocidade das mudanças, a intensidade das transformações, os avanços tecnológicos afrontando o homem um ser dependente, frágil, só, com um tempo de vida curto, lutando incessantemente contra suas transgressões instintivas, são fatores que multiplicam dificuldades tanto nas relações afetivas como na busca de satisfações, aumentando a dor e o sofrimento psíquico. Assim, o perfil do paciente nos dias de hoje mudou, como também mudaram os conhecimentos e a capacidade diagnóstica. Predominam pessoas com problemas ligados ao narcisismo, à auto-estima, aos vínculos interpessoais, às relações primitivas, à identidade e não à problemática histórica do mundo freudiano.

Olhando retrospectivamente o movimento psicanalítico vemos que, desde o seu início, as mudanças provocaram muita polêmica, ameaças e rompimentos assinalando uma especial dificuldade na assimilação e reestruturação do corpo teórico e das relações interpessoais. A primeira situação que, pelo seu contexto, quero destacar, relaciona-se com o mais genial e criativo discípulo e contemporâneo de Freud Sándor Ferenczi. Com este, Freud lidou de uma forma diferente daquela que lhe era habitual, já que, pela primeira vez, via perigar o movimento psicanalítico. Absolutamente pretendo comentar ou criticar a obra de Ferenczi e a situação criada, sublinho, apenas, alguns pontos importantes: Ferenczi questionou seriamente as bases analíticas freudianas, como o conceito de transferência; enfatizou a relação mãe-bebê em detrimento da relação triangular; criticou o autoritarismo do analista cuja participação não deveria passar de um igual na situação analítica; colocou o "tato" no centro da teoria analítica, uma vez que, tendo falhado no meio ambiente do bebê, seria necessário acontecer na pessoa do analista; a realidade da situação traumática e tantas outras. Com essas colocações, Ferenczi deu a partida para que a Psicanálise fosse reavaliada, estudada e, principalmente, humanizada, possibilitando, assim, sua sobrevivência. A participação do analista nesse processo foi fundamental para os futuros estudos sobre a contratransferência, um dos principais desenvolvimentos deste primeiro século da nossa ciência.

Granoff diz que Freud inventou a Psicanálise, Ferenczi fez Psicanálise sendo considerado um terapeuta ímpar, humano, salvador dos fracassos dos outros e especialista em casos limite. Convidou os analistas de amanhã portanto, os de hoje, nós a arriscarem, em suas análises, a se tornarem histéricos, dada a possibilidade de curar-se disto. Talvez os analistas, por terem se transformado em obsessivos, não se curaram. Ferenczi propôs, na época, mudanças básicas na Psicanálise que continuam mobilizando muitos questionamentos. Acionou a humanização do psicanalista e da Psicanálise, desencadeando um processo que cruzou o primeiro século de existência da ciência psicanalítica e prosseguirá como um dos maiores desafios.

Demonstrou que o processo terapêutico envolve o binômio analista/paciente, tendo criticado a insensibilidade do analista, seu modo afetado e falso, sua técnica rígida, autoritária e impessoal, e referido também a percepção, por parte do paciente, dos sentimentos do analista. Destacou a singularidade do processo de suma importância, que ajudava seu paciente a alcançar uma autêntica liberdade interna. Por estas inovações, Ferenczi foi esquecido, caindo no ostracismo por várias décadas; certamente por ter rompido com o conhecido, o poder, a autoridade do analista que passa a sentir-se incapaz de reestruturar e criar, refugiando-se, muitas vezes, nas teorias e não enfrentando o que acontece "ao vivo" na situação analítica. As mudanças são lentas e exigentes, mas, mesmo assim, a humanização do psicanalista e, portanto, da Psicanálise, segue paulatinamente e a sementeira deste homem, como de tantos outros, vem germinando. Penso que a genialidade criativa de Freud desvendando a mente humana e criando a Psicanálise marcou um estágio sem retrocesso na evolução do homem. Conforme assinalo durante a minha exposição os desenvolvimentos da teoria e técnica, básicos no sentido do futuro da Psicanálise não ser uma ilusão, são lentos e difíceis porque sofrem influência de complexos fatores intrínsecos e extrínsecos ao processo analítico. Destaquei, como centrais, elementos relativos ao psicanalista por achar que realmente a possibilidade de mudanças e progressos na nossa Ciência, e assim a manutenção de sua continuidade, dependem do psicanalista exercer sua função de compreender o paciente nos seus conflitos, nas suas relações, no seu sofrimento e desamparo. Para isto, sublinho a necessidade de integrarmos ao corpo teórico-técnico os conhecimentos advindos da melhor compreensão dos fenômenos de interação da relação mãe-bebê, da influência mútua na relação analista-paciente da importância da pessoa real do analista, especialmente sua atitude, sua capacidade intuitiva e empática, assim como poder ser um observador participante e reflexivo.

Se o psicanalista puder sofrer este tipo de processo que inclui a sua humanização, respeito à individualidade de cada relação, à singularidade das duplas, às limitações no que tange ao alcance individual e social, o futuro da Psicanálise, quem sabe, não será uma ilusão.

Referências

FERENCZI, S. (1909/1933). Escritos psicanalíticos. Rio de Janeiro: Taurus. FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. CHERTOK, L.; E STENGERS, I. (1991). Oração e a razão a hipnose de Lavoisier a Linceu. Rio: Zahar. 4. GAY, P. (1989). Freud Uma vida para nosso tempo. São Paulo: Schwarcz.

Nara Amália Caron

Rua Carlos Gomes, 1111/701
90480-004 Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Apresentação na Mesa Redonda: "Psicanálise: seu futuro uma ilusão?" no XIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Out/1993. Rio de Janeiro.
** Membro Efetivo da SPPA.

